

## O PIBID QUILOMBOLA KALUNGA: LIÇÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA

Edite Rodrigues dos Santos  
[editetego@gmail.com](mailto:editetego@gmail.com)

Kelci Anne Pereira  
[kelci.pereira@unb.br](mailto:kelci.pereira@unb.br)

### RESUMO

Este trabalho descreve as experiências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade de Brasília (UnB), realizado com os estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdOc) das cidades de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, junto às escolas quilombolas do território quilombola Kalunga com enfoque na Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Nesta realidade, o programa busca entrelaçar a formação acadêmica dos estudantes com a realidade dos territórios, constituindo uma comunicação entre a universidade e as escolas quilombolas, com o objetivo de formar professores críticos e reflexivos para atuarem nos territórios. Essa iniciativa busca fortalecer os vínculos territoriais e afetivos, a identidade cultural e territorial, a memória individual e coletiva do povo quilombola por meio de práticas e metodologias pedagógicas que auxiliem na construção da Educação Escolar Quilombola (EEQ). Inspirado em uma metodologia participativa, o PIBID foi composto por oficinas de formação dos estudantes da LEdOc nas áreas de Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza, considerando as especificidades da Educação Escolar Quilombola. Articuladamente, foi realizado um diagnóstico socioeducacional e da sociobiodiversidade das comunidades escolares para subsidiar as atividades político-pedagógicas desenvolvidas com uma turma de EJAI da Escola Morro Encantado. Entre essas atividades, destacam-se aulas e projetos na temática das sementes crioulas e agroecologia. Como potencialidades, destaca-se a inserção dos *ledoquianos* na escola desde a perspectiva da EEQ a Agroecologia, que produz mais engajamento e pertencimento dos jovens e adultos ao ensino. A experiência tem encontrado inúmeros desafios: falta de materiais didáticos adequados para o público da EJAI quilombola, falta de políticas de saúde ocular e oferta de óculos, além da descontinuidade da escolarização – consequência de outras prioridades, como trabalho, tarefas domésticas e dentre outras.

**Palavras-chave:** Território Kalunga; PIBID; Escolas quilombolas.

### INTRODUÇÃO

A Educação Escolar Quilombola é uma modalidade de ensino e educação, que visa fortalecer a identidade, a memória individual e coletiva, os vínculos com o território, a ancestralidade bem como promover troca de saberes





intergeracionais dos povos quilombolas, enriquecendo a formação dos estudantes e preparando-os para viver em um mundo dominado pelas relações capitalistas sem negar as suas origens e valores culturais (Brasil, 2012).

É preciso olhar para as especificidades das comunidades tradicionais quilombolas e construir diálogos coletivos em prol de uma perspectiva educacional comunitária.

No entanto, superar o modelo individualista, fabril e desumanizador predominante nas escolas, para construir a educação escolar quilombola, impõe desafios pedagógicos e políticos; requer atenção às diretrizes curriculares, exige trabalho coletivo e envolve a formação adequada dos professores, aproximando universidades e escolas.

Diante desse contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade de Brasília (UnB), em parceria com Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdOC), tem desenvolvido as matrizes formativas do trabalho, da cultura, da memória e da história, pertinentes à EEQ, no território Quilombola Kalunga. O programa envolve estudantes da LEdOC das cidades de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina, contando com seis supervisores responsáveis por auxiliar os *pibidianos* na inserção e acompanhamento das atividades da EEQ.

O foco desta experiência é a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), modalidade que enfrenta desafios históricos de exclusão, cortes orçamentários e precarização do trabalho. O PIBID busca agregar a formação acadêmica dos estudantes que vivem nos quilombos, promovendo uma prática docente crítica, comprometida com um projeto educacional que valorize o território, o que coaduna com as propostas e princípios da Educação Escolar Quilombola.

## **EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONTEXTUALIZAÇÕES**

A Educação do Campo e a Educação Escolar Quilombola compartilham o objetivo de assegurar uma formação integral que tenha o campo/território como espaço de construção de conhecimentos que valorize os saberes e os fazeres dos camponeses/as quilombolas, além de respeitar as especificidades socioculturais, linguísticas e territoriais (Costa; Andrade; Andrade, 2024).



Cabe dizer que enquanto a Educação do Campo surge como um fenômeno da realidade (Caldart, 2012),<sup>x</sup> movimento prático voltado as populações camponesas (Molina, 2012), a Educação Escolar Quilombola forja-se como parte da luta quilombola por reconhecimento, memória e dignidade humana (Costa; Andrade; Andrade, 2024).

Como referendamos, Educação do Campo e a Educação Escolar Quilombola não são antagônicas, são modalidades de educação, ensino e pesquisa que se juntam na construção de um novo currículo e prática pedagógica que dialogue com os territórios.

Todavia, não há como discutir sobre Educação Escolar Quilombola e Educação do Campo sem trazer o território em todas as suas dimensões: simbólicas, afetivas e imateriais (Santos; Moreira, 2023). No que se refere ao Território Quilombola Kalunga, o maior quilombo da América Latina, situado no nordeste goiano, a escola é compreendida como um espaço de resistência e transmissão cultural. Cabe a ela buscar caminhos para se somar na luta pelo território, implicando no diálogo a respeito dos problemas da comunidade.

Assim sendo, a articulação com a universidade, por meio do PIBID, representa avanços significativos na luta pela qualidade da educação no território, buscando uma formação contextualizada, dialógica e afetiva. Portanto, é dever da Educação do Campo e Educação Escolar Quilombola, em diálogo com a universidade, fortalecer a formação de professores e construir coletivamente práticas pedagógicas que tenham as demandas da comunidade como temas geradores, no sentido de valorizar as suas raízes, ao mesmo tempo que produzem conhecimento.

## PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS: DO DIAGNÓSTICO AS OFICINAS

A proposta desenvolvida pelo PIBID fundamentou-se na metodologia participativa e colaborativa, que aproxima a formação inicial docente das práticas comunitárias e escolares. Entre as ações realizadas, destacam-se:

Quadro 1: Cronograma, Diagnósticos e oficinas realizadas pelo PIBID

Encontros virtuais com Supervisores	Realizou-se encontros virtuais semanais, todas as sextas-feiras.
Oficinas de formação docente	Foram realizadas oficinas nas áreas de Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza, estruturadas a partir da demanda do coletivo. As Linguagens trabalharam com Artes Cênicas e Teatro, a Matemática com a Etnomatemática e as Ciências da Natureza com aulas de campo.
Diagnóstico socioeducacional e da	Realizou-se diagnósticos nas escolas quilombolas para compreender a realidade educacional, socioeconômico, cultural e ambiental do Território





sociobiodiversidade	quilombola Kalunga.
Práticas pedagógicas na EJAI	Realizamos trocas de sementes crioulas e valorização da memória comunitária, rodas de conversas e projetos agroecológicos especialmente na Escola Municipal Morro Encantado.
Inserção dos pibidianos na sala de aula	Realizamos uma roda coletiva professor e <i>pibidianos</i> , partindo da observação desde o planejamento a sala de aula.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Como descrevemos no **quadro 1** acima, foram realizados diagnósticos e oficinas no território no sentido de valorizar as práticas quilombolas em diálogo com as propostas e princípios da Educação Escolar Quilombola e Educação do Campo. Tratou-se de um trabalho em uma perspectiva participativa e colaborativa, tendo como protagonistas os sujeitos quilombolas, aqueles que vivem e produzem conhecimentos intergeracionais baseados em seus repertórios culturais.

Sendo assim, foram articuladas várias reuniões com a coordenação do PIBID, os supervisores e os *pibidianos*, com o intuito de alinhar concepções, estratégias e objetivos do programa de alfabetização de jovens e adultos nos Territórios. Essa articulação interinstitucional revela a importância de um planejamento dialógico, coletivo e intencional que, respeita as especificidades territoriais e culturais do povo quilombola Kalunga.

A definição do cronograma e das ações foram construídas a partir das necessidades materiais e simbólicas do território, evidenciando um compromisso com uma educação contextual e emancipatória, tendo os sujeitos quilombolas como protagonistas das suas ações, isto é, não é para eles, mas sim, com eles!

As oficinas pedagógicas, desenvolvidas nas áreas de Linguagens, Matemática e Ciências da Natureza, foram realizadas com base em temas geradores oriundos da própria realidade material das comunidades, como plantas medicinais, práticas de artesanatos e saberes tradicionais. Essa abordagem metodológica que articula teoria e prática, promoveu um processo de ensino e aprendizagem significativa e culturalmente situados, fortalecendo os vínculos educacionais no território.

O desenvolvimento das oficinas nas escolas quilombolas revelou-se uma estratégia fundamental para a valorização da cultura local, preservação da memória coletiva e o fortalecimento do pertencimento étnico dos estudantes. As oficinas como instrumento pedagógico intencional, possibilitou trocas intergeracionais, promovendo aprendizagens enraizadas na vivência dos territórios.





Outro campo de atuação ativo do programa com o *pibidianos*, foram as pesquisas socioeducacionais e diagnósticos da sociobiodiversidade nas comunidades quilombolas para compreender a realidade educacional, socioeconômico, cultural, agrobiodiversidade, agricultura familiar e ambiental do Território quilombola Kalunga.

O mapeamento dessas dimensões além de valorizar o conhecimento ancestral, também abriu caminhos para as dificuldades enfrentadas, principalmente na alfabetização de jovens de jovens adultos, como escassez de materiais didáticos adequados, ausência de políticas públicas de saúde ocular e descontinuidade escolar provocada pelas demandas econômicas e domésticas. Outro fator impactante foi a ausência das políticas e aparelhos municipais, uma vez que, o primeiro diagnóstico deve partir dos municípios, o que de fato não foi efetivado.

Além das ausências, o mapeamento evidenciou o precioso papel dos guardiões dos saberes tradicionais a respeito das sementes crioulas, reafirmando a centralidade da Agroecologia e da Educação do Campo como eixos estruturantes de uma proposta educativa emancipatória, relevante também para a EEQ. Com efeito, a triangulação entre universidade, escola e comunidade, não apenas potencializa a formação docente, mas também consolida práticas educativas intencionais que dialogam com os anseios e saberes dos sujeitos quilombolas, promovendo uma educação com sentido, identidade e resistência.

A inserção dos estudantes na sala de aula sob supervisão de professores experientes, é memorável, promove a integração da teoria acadêmica com a prática, tendo oportunidade enriquecendo o desenvolvimento profissional dos estudantes.

Essa vivência dos *pibidianos* nas escolas quilombola foi uma oportunidade ímpar, visto que, possibilitou a conhecer a realidade da sala de aula, bem como os territórios institucionais – pedagógico e gestão – incluindo os desafios do dia a dia, o planejamento pedagógico de cada atividades, o desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo.

Nesse contexto de trocas entre *pibidianos* e estudantes, percebemos o processo de um adulto decifrar as primeiras letras e números, tendo em vista, a construção da própria autonomia. Os *pibidianos* desenvolvendo novas metodologias que engajar os estudantes, revelando a riqueza e a confiança dos estudantes na aprendizagem.

Em suma, todas as articulações direcionadas a EJAI, o resgate da Agroecologia e Educação Ambiental nos territórios quilombolas foram fundamentais para o fortalecimento da retomada da autonomia e a valorização do pertencimento e da identidade das comunidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades realizadas com os estudantes da LEdoC no processo de formação das turmas de EJAI, destacam-se pelas práticas pedagógicas que parte dos saberes locais para os conhecimentos escolares. O projeto tendo a Agroecologia como pano de fundo, o uso das sementes crioulas e o diálogo permanente com as demais áreas do conhecimento, possibilitaram a reflexão a respeito das propostas de ensino que devem estar alinhadas Educação Escolar Quilombola e da Educação do Campo.

Essa inserção articulada e auto-organizada, demonstra que a ação dos pibidianos nas escolas do território vão além de uma prática pedagógica: constitui-se como um exercício prático, intencional e emancipatório, que valoriza o território e promove o protagonismo dos sujeitos envolvidos.

Diante do projeto que se encontram em desenvolvimento, os desafios foram a escassez de materiais didáticos adequados à realidade da EJAI nas escolas quilombolas, a ausência de políticas de saúde ocular e oferta de óculos, o que dificulta o processo de aprendizagem; descontinuidade da escolarização devido a impedimentos econômicos e domésticos e por fim, carência de políticas públicas específicas que fortaleçam a Educação Escolar Quilombola.

No que se refere às potencialidades, destacamos a inserção dos pibidianos na prática docente com um olhar para a Educação Escolar Quilombola; fortalecimento dos vínculos institucionais, universidade e comunidades quilombolas; engajamento dos estudantes da EJAI por meio de metodologias participativas e colaborativas e a valorização da memória individual e coletiva no território quilombola.

Portanto, é necessário um constante movimento entre teoria e prática, prática e teoria para construir uma educação capaz de responder as demandas da comunidade, formar cidadãos críticos bem como, possibilitar a formação de sujeitos críticos com alteridade e dignidade.

A experiência do PIBID no território quilombola Kalunga revela a potência de uma formação inicial de professores quilombolas voltados especificamente para a Educação Escolar Quilombola e Educação do Campo. Ao articular os saberes e os fazes quilombolas com os conhecimentos promove-se uma educação crítica e emancipatória, essencial para a consolidação da Educação Escolar Quilombola.

Conquanto, sabemos que os desafios encontrados reforçam a necessidade de políticas públicas e educacionais que garantam as condições mínimas para a aprendizagem, sobretudo na EJAI. As oficinas demonstram que a formação docente no campo deve estar enraizada no território e comprometida com a transformação social, cultural e política das comunidades quilombolas. Dessa forma a Agroecologia é uma ferramenta potente para desenvolver os princípios da Educação Escolar Quilombola, pois valorizam dos saberes ancestrais, territorialidade, sustentabilidade, autonomia e a resistência.

Portanto, o PIBID representa um caminho para o fortalecimento para a formação inicial dos estudantes da LEdoC bem como para as escolas quilombolas fortalecendo a memória coletiva, identidade e resistência, reafirmando a importância de termos uma educação do quilombo que dialogue com as demandas do quilombo.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL.** Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.** Brasília: MEC, 2012.

CALDART, Roseli Selete. Educação do Campo. *In: Dicionário da Educação do Campo.* –Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Selete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra:** escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

COSTA, Pedro Léo Alves; ANDRADE, Luciano Pires de; ANDRADE, Horasa Maria Lima da Silva. Educação do Campo e Educação Escolar Quilombola: observação das interfaces através de uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 9, p. e15495, 2024. DOI: 10.70860/ufnt.rbec.e15495. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/15495>. Acesso em: 1 out. 2025.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. Preconceito contra o analfabeto. São Paulo: Cortez, 2007.





MOLINA, Mônica Castagna. Legislação educacional do campo. In: **Dicionário da Educação do Campo**. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SANTOS, Hélio Rodrigues dos; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Educação Escolar Quilombola: Ratificação, confirmação e validação. **Cadernos de Pós-graduação**, [S. I.], v. 22, n. 2, p. 206–226, 2023.